

Revista Multidisciplinar

A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA O DESENVOLVIMENTO E
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gizelle Almeida Barbosa Vicentini



Fonte: https://1.bp.blogspot.com/_kMu5lxqHfsA/TTNkCQ8lxPI/AAAAAAAAA5A/ZVSD9JvGqdc/s1600/artes.jpg

PERIÓDICO CIENTÍFICO INDEXADO INTERNACIONALMENTE

DOI: 10.5281/zenodo

DOI: 10.69720/Crossref

ISSN

International Standard Serial Number

2966-0599

www.ouniversoobservavel.com.br

A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA O DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gizelle Almeida Barbosa Vicentini¹

Revista o Universo Observável
DOI : 10.5281/zenodo.13294865
[ISSN: 2966-0599](https://doi.org/10.5281/zenodo.13294865)

15 de fevereiro de 2020

¹Bacharel em Pedagogia pela Universidade IESCAMP, formada em 2013. Graduada em Arte pela Faculdade Mozarteum de São Paulo, com conclusão em 2017. Especialista em Educação Especial com pós-graduação finalizada em 2020. Realizou curso de Filosofia e Arte em 2020, além de ter concluído o curso de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e Arteterapia, ambos em 2020.

E-mail: gizelleij@gmail.com

RESUMO

Por trabalhar em uma instituição de ensino infantil foi o que me suscitou e motivou a realização desta pesquisa. Considerando-se que as artes em suas diversas formas, entre elas a poesia, o teatro, a dança, as artes visuais e a música fazem parte da cultura de uma sociedade e estão presente na vida das pessoas desde pequenas, e que a escola deve atentar-se para o ensino da arte como um meio de aprendizagem e conhecimento, pois estamos acostumados a encarar as artes somente como um lazer e entretenimento. Refletindo sobre o tema, busquei desenvolver uma pesquisa com a proposta de investigar como o ensino de arte vem sendo aplicado na fase da educação infantil. O estudo em questão justifica-se uma vez que as artes constituem elementos que despertam e expressam sentimentos, sentidos, imaginação e criação, porém, a sociedade, assim como a escola, estão acostumadas a encará-las somente como lazer e entretenimento. Este trabalho tem por objetivo pesquisar o papel que a arte desempenha na educação de crianças de 0 a 5 anos; e investigar se a arte pode contribuir para um aprendizado menos pautado na transmissão de informações e que considere a expressão e a autonomia do aluno, nesses níveis de ensino. Em relação à metodologia, o estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica do tipo qualitativa. Concluiu-se que a arte é conhecimento e elemento de suma importância para o processo de educação, pois possibilita a construção de conhecimentos embasados na sensibilidade, criatividade e na expressividade, e indica um caminho de superação do aprendizado baseado na codificação e cópia de informações.

Palavras chaves: Arte. Crianças. Educação.

ABSTRACT

For working in an institution of early childhood education was what aroused me and motivated the realization of this research. Considering that art in its various forms, among them poetry, theater, dance, the visual arts and music, are part of the culture of a society and have been present in people's lives since childhood, and that the school must attention to the teaching of art as a means of learning and knowledge, as we are accustomed to view the arts only as a leisure and entertainment. Reflecting on the theme, I sought to develop a research with the proposal to investigate how art education has been applied in the early childhood stage. The study in question is justified since the arts are elements that arouse and express feelings, senses, imagination and creation, but society, as well as school, are accustomed to consider them only as leisure and entertainment. This paper aims to investigate the

role that art plays in the education of children from 0 to 5 years; and to investigate whether art can contribute to a learning less informed in the transmission of information and that considers the expression and the autonomy of the student, in this levels of education. Regarding the methodology, the study consists of a bibliographical research of the qualitative type. It was concluded that art is a knowledge and element of great importance for the education process, since it allows the construction of knowledge based on sensitivity, creativity and expressiveness, and indicates a way of overcoming learning based on the encoding and copying of information.

Keywords: Art. Children. Education.

1 INTRODUÇÃO

A arte está presente no universo humano desde muito cedo, mesmo que muitas vezes de forma não intencional. As imagens que se apresentam às crianças em diversas experiências vivenciadas por elas são interiorizadas, formas, cores, linhas, e traços são elementos plásticos que compõem suas primeiras produções, geralmente manifestadas inicialmente pelo desenho. A arte tem a função, dentre tantas outras, de superar os limites do tempo. É nesse sentido que se defende a introdução da arte no âmbito educacional, especificamente na educação infantil, fase em que se inicia a construção do saber, do fazer, do inventar, do apreciar, alicerces para a construção da vida.

Considerando a capacidade criadora do ser humano, característico ao universo infantil, faz-se necessário refletir acerca dos espaços que podem contribuir no sentido de proporcionar e ampliar esta habilidade e a escola pode ser um deles, principalmente na Educação Infantil onde as crianças de 0 a 5 anos estão abertas a descobertas e experimentos. A criança aprende a sentir tocar, conduzir, ou seja, através da ação e da experimentação, o trabalho com tintas, lápis, pincéis, giz de cera e outros se tornam tão interessantes aos pequenos.

O objetivo deste estudo é refletir sobre a importância da arte para o ensino e para a formação humana, num mundo marcado pela tecnologia e pela padronização, de modo a se buscar uma sociedade mais reflexiva, sensível e crítica. Sendo assim, este trabalho aborda a arte no processo na educação da criança de Educação Infantil. Diante de tais considerações, buscou-se levantar, neste estudo, a importância da arte vinculada ao ensinar e ao aprender na educação infantil, as contribuições das artes para a vida, para o aprendizado e para a socialização do aluno, assim como a influência da arte na formação intelectual e humana da criança.

Conforme Freire:

Mulheres e homens somos os únicos seres que social historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo por isso mesmo muito mais rico que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (1996, p.69).

Em relação à metodologia foi utilizada uma pesquisa qualitativa. Ludke e André (1986) explicam que a pesquisa qualitativa tem como características básicas o ambiente natural como fonte de dados, sendo o pesquisador seu principal instrumento. Em uma pesquisa qualitativa predominam os dados descritivos. A atenção volta-se muito mais para o processo do que para o resultado. Ela pesquisa qualitativa pode-se levantar as perspectivas dos participantes, ou seja, podem-se conhecer as suas crenças e os seus pontos de vista, para posteriormente, analisá-los, discuti-los e confrontá-los. A pesquisa qualitativa não tem a preocupação de buscar evidências ou provas para hipóteses definidas. De acordo com Macedo (1994), pode-se definir pesquisa bibliográfica como a busca por informações ou como uma seleção de documentos que condizem ou se relacionam com o problema do trabalho de pesquisa. O trabalho abrange três capítulos, sendo o Capítulo:

I – “A arte e os pioneiros da escola infantil”. O Capítulo

II – “A construção do conhecimento e a arte”. E o Capítulo

III – “O formação do professor de educação infantil e o ensino da arte”.

Este estudo pretende contribuir para a formação do profissional de educação infantil, auxiliando-o na sua atuação junto às crianças. Espera-se que os temas aqui discutidos possam desencadear reflexões e atitudes que se traduzam como melhoria da qualidade do ensino de crianças desde a mais tenra idade.

2 DESENVOLVIMENTO

A criança é um ser curioso e aberto a explorar sempre. No contexto escolar, ela precisa vivenciar situações que estimulem e despertem ainda mais a sua curiosidade, para que possa revelar as suas características, expressar as suas dificuldades, os seus sentimentos e os seus talentos e expressões próprias. A arte tem um papel importante no processo de educação da criança por incorporar sentidos, valores, expressão, movimento, linguagem e conhecimento de mundo. A dança, música,

pintura, escultura, teatro, entre outras são formas de linguagem da arte, sejam elas dinâmicas ou estáticas, a arte sempre expressa idéias e sentimentos. Para Gullar (2006), o mundo que o artista cria parte das suas experiências, daquilo que ele consegue enxergar no mundo, na sua cultura. Sendo assim, a arte parte sempre de dentro do indivíduo, trazendo uma bagagem de sentimentos, interesses, valores e conhecimentos. Como não considerar importante, para o desenvolvimento educacional e social de crianças, este resgate do interior do ser humano viabilizado pela arte? A importância, bem como, a relevância da arte na infância encontra-se presente desde as propostas para as primeiras instituições de educação infantil, elaboradas por seus precursores.

2.1 A ARTE E OS PIONEIROS DA ESCOLA INFANTIL

Froebel (1782 – 1852), educador alemão, influenciado por um ideal político de liberdade, criou um jardim de infância, em 1837, considerado, por ele, como um espaço onde as crianças e os adolescentes estariam livres para aprender sobre si e sobre o mundo. Em seu método pedagógico, utilizou-se da música para educar as sensações e as emoções; enfatizava a participação em atividades de livre expressão através da música, dos gestos e montagens com papéis e argila. Para Froebel tais atividades possibilitavam que a criança expressasse seu mundo interno, como forma de conseguir-se e, assim, modificar-se, através da auto-observação (OLIVEIRA, 2007). Essas atividades eram chamadas por Froebel, de “ocupações”, o manuseio de papel, em atividades como desenhar, pintar, dobrar, cortar, costurar, e a modelagem em argila permitiam que as crianças se expressassem artisticamente.

Outro precursor foi Pestalozzi (1746-1827), educador que sustentava, em sua pedagogia, uma educação preocupada com a afetividade da criança. Segundo ele, assim como na família, a bondade e o amor são essenciais no ato de educar. Utilizou-se de atividades musicais e de outras formas de artes para adaptar seu método aos diferentes níveis de desenvolvimento dos alunos (OLIVEIRA, 2007).

Célestin Freinet, professor francês que iniciou seus trabalhos em 1920, foi um dos primeiros importantes precursores da educação para as crianças e um dos grandes entusiastas da inclusão da arte nos currículos escolares.

Sampaio (1994) relata que Freinet observava muito as crianças e percebia que elas estavam interessadas no que acontecia lá fora e não no imobilismo existente dentro da sala de aula. Era preciso, então, trabalhar a espontaneidade da criança, e foi o que

Freinet fez por meio das aulas-passeios. Após os passeios os alunos faziam relatórios sobre o que haviam observado. Assim, ele desenvolveu uma técnica, que abolia a monotonia das leituras dos manuais obrigatórios e criava o texto livre, que preservava a livre expressão da criança, seus interesses, sentimentos e opiniões. Logo após o texto livre ganha a forma de texto impresso; além das trocas de experiências entre alunos e professores, com relatos de passeios e da vida cotidiana na sala de aula, surge outra técnica criada por ele, a correspondência escolar. Em visitas realizadas na aldeia em que se instalava a escola, as crianças conheciam alguns artífices e seus trabalhos. Após as visitas, as crianças compunham poemas sobre aquelas pessoas. Aos poucos, o texto livre, ligado às experiências vivenciadas, oportunizava que as crianças se desenvolvessem, ao expressarem o que sentiram e entenderam através também de uma arte, a poesia.

Freinet preocupava-se também, com as atividades artísticas em sua classe, pois realizava reuniões artísticas e recreativas, nas quais desenvolvia atividades musicais com as crianças; com uma máquina de cinema da época exibia filmes educativos e recreativos, além de criar peças infantis. Estas reuniões eram consideradas por Freinet tão essenciais quanto os estudos de História, Geografia, Matemática, Ciências, trabalhos na horta e marcenaria e o desenho livre, tratavam-se de um indispensável complemento em seu método. Para Freinet:

A livre expressão facilita a criatividade da criança, no desenho, na música, no teatro, extensões naturais da atividade infantil, progressivamente responsável por seus comportamentos afetivos, intelectuais e culturais. Eis aí um começo seguro para a conquista de uma vida adulta (FREINET apud SAMPAIO, 994, p. 30).

Freinet enfatizava a atividade, a vivência na prática, a observação e a livre expressão como princípios norteadores de sua técnica como professor, para uma educação significativa e interessante para a criança. Juntamente a estes princípios, considerava, como essenciais, as vivências artísticas em sala de aula, considerando-as extensões naturais da vida infantil, portanto, ligadas ao seu desenvolvimento integral. Desse modo, foi inegável a contribuição desses pedagogos para que se despertasse na sociedade, a conscientização da necessidade de uma educação formal, sistematizada, para crianças pequenas, e de que essa educação deve se embasar em atividades e experiências que propiciam a reflexão e a autonomia do aluno, por tratar-se de uma aprendizagem significativa.

2.1.1 A ARTE COMO ÁREA DE CONHECIMENTO: UMA QUESTÃO RECENTE

Os ideais de educação democrática do início do século XIX, aliados aos avanços da psicologia, culminaram no movimento da Escola Nova, que propôs uma mudança de foco nos princípios e no fazer pedagógico. Contrapondo-se à escola tradicional, centrada na autoridade do professor e no ensino através da reprodução de conteúdo previamente definidos, a Escola Nova priorizava os interesses e necessidades do aluno, enfocando, principalmente o seu processo de aprendizagem. Nesse contexto, concebe-se. Arte como um produto interno que reflete a organização mental, cuja finalidade, na escola é a de permitir que o aluno expresse seus sentimentos e libere suas emoções. A Arte, portanto, não é ensinada, mas expressada. A criança procura a seus próprios modelos sem que o professor interfira diretamente no seu processo criador. O professor é tão somente um facilitador de experiências, que proporciona o ambiente necessário, situações e materiais para o livre desenvolvimento das crianças.

A educação centrada na criança e nos processos de aprender, influenciada por interpretações da Psicologia e aliada aos ideais modernistas da Arte, fomentou a ideia de que Arte na escola serviria à auto expressão e que o professor não deveria intervir, pois o desenvolvimento do processo criador ocorre naturalmente em experiências individuais de expressão da energia criativa intrínseca.

A ênfase na expressão fez com que o ensino da Arte priorizasse a atividade de liberação emocional e se voltasse, basicamente, para a construção afetiva, relegando, desse modo, os processos de cognição. Supervalorizava-se a Arte como livre expressão e o entendimento da criação artística como fator afetivo e emocional, em detrimento do pensamento reflexivo. A atividade artística, transformada, assim, em técnicas para expressão de emoções e conflitos, acaba por distanciar os alunos do contato reflexivo com os elementos que compõem as linguagens artísticas, bem como da construção cultural que há em torno da Arte. Arte na escola tornou-se, principalmente, um fazer movido pela emoção. Na programação das escolas, as ciências faziam parte do universo cognitivo e a Arte, do domínio das emoções e dos sentidos.

Os ideais da escola novistas, tomados equivocadamente ao extremo, fez com que, na escola, o olhar se voltasse apenas para os processos de aprender, e que não mais se refletisse sobre a ação do professor, isto é, sobre o outro lado da moeda, o ensino. Contemporaneamente, a educação

tem realizado o movimento de rever esses equívocos e considerar a influência do professor no processo de ensino e aprendizagem do aluno.

É importante ressaltar que os ideais de educação democrática da escola novistas não necessariamente pressupunham o trabalho com Arte voltado somente para a livre expressão. As experiências com obras de Arte têm como característica predominante a qualidade estética, no entanto, a qualidade estética não é privilégio das experiências com Arte. Para esse autor, a qualidade estética está presente em todas as experiências, contribuindo assim, para a sua completude. “A experiência, seja qual for o seu material (ciência, arte, filosofia e matemática), para ser uma experiência, precisa ter qualidade estética. É a qualidade estética que unifica a experiência enquanto reflexão e emoção (Barbosa, 1998, p. 22)”.

Barbosa (1991), tratando da linguagem plástica da Arte, resgata a importância da presença de imagens nos processos de ensino, para a formação do fruidor em Arte. Outros autores têm ressaltado os significados do contato com obras de Arte em todas as linguagens. A leitura de obras pode ser um recurso do ensino da Arte voltado para qualquer manifestação artística.

É consenso, entre os autores que buscam a valorização da cognição em Arte, que a emoção, para se tornar sensível, passa por um fazer que é inteligível; o artista se vê diante do desafio de encontrar o vocabulário para sua emoção e o faz influenciado pela história da área, por sua história pessoal e pela cultura em que atua como criador de representações.

A mudança que acontecia na Arte não foi, contudo, prontamente assimilada pelas escolas. A escola ainda via na Arte um instrumento para expressão, em saber do qual o aluno se aproxima pela sensibilidade e imaginação. A presença da Arte na escola ainda se relacionava ao espontaneísmo, à auto-expressão, à expressão de sentimentos e ao desenvolvimento da criatividade, estando longe de ser motivo de reflexão e de construções voltadas para o ensino e aprendizagem. Os educadores, preocupados com a valorização da Arte como um saber que deveria ter na escola a mesma valorização e espaço que as outras áreas, estruturaram movimentos de resgate da Arte na escola. Desses movimentos preocupados com currículos de Arte, podemos destacar entre outros, o DBAE (Discipline Based Art Education), nos EUA e a Abordagem Triangular de Ensino da Arte, no Brasil.

Nas últimas décadas do século XX, no Brasil,

educadores ligados à Arte têm empreendido o movimento de resgate de sua valorização profissional e da valorização da Arte como um conhecimento que deve estar presente nos currículos em todos os níveis de ensino. Articulam, assim, diretrizes diferentes para a presença desse conhecimento na escola. Essas diretrizes emergem como fruto da luta em defesa da presença da Arte no currículo e de mudanças conceituais no seu ensino. Mudança e valorização conceitual no intuito de devolver Arte à educação e favorecer a todos o acesso aos códigos artísticos e às possibilidades de expressão desses códigos. O objetivo daqueles que acreditam nesses pressupostos conceituais é contribuir para a difusão da Arte na escola, garantindo a possibilidade igualitária de acesso ao seu conhecimento. É preciso levar a Arte, que está circunscrita a um mundo socialmente limitado a se expandir, tornando-se patrimônio cultural da maioria. (BARBOSA, 1991).

Essas diretrizes contemporâneas para o tratamento da Arte direcionam sua visão em três de suas dimensões que, na prática de sala de aula, se tornarão complementares: Arte como linguagem, Arte como expressão da cultura e Arte como conhecimento.

Arte como linguagem – As linguagens artísticas têm uma sintaxe própria que lhes dá significação e faz com que possam ser lidas. Realizar leituras e estabelecer sentidos para as manifestações artísticas significa entrar em contato com a forma como estas se constituem e interpretar as combinações das relações significantes da mensagem artística.

Arte como expressão da cultura – Revela a preocupação com a influência cultural presente no entorno da produção artística, seja no momento da produção, da distribuição ou da apreciação. Observar a Arte em sua reação com a cultura significa estar construindo os elementos de significação que nos possibilitam o melhor entendimento dos atos e obras artísticas. Significa também estar tecendo relações com aspectos políticos, ideológicos e econômicos, entre outros.

Arte como conhecimento – A Arte é entendida como qualquer outra área do conhecimento humano, com uma história e repertório próprio que podem ser vivenciados e refletidos pelos alunos.

No Brasil, a Abordagem Triangular de Ensino da Arte propõe que para se olhar a Arte enquanto conhecimento é necessária articular o fazer artístico, a contextualização e a leitura de obras.

A causa da Arte no currículo escolar, tanto do DBAE norte-americano quanto da proposta triangular de Barbosa, aparece como uma batalha epistemológica a fim de dissociá-la do espontaneísmo e emparelhá-la às outras disciplinas do currículo

como forma de conhecimento, pois, se Arte não é tratada como conhecimento, mas como um grito da alma não está fazendo educação cognitiva nem emocional (MARQUES, 1999, p. 34).

Embora enfatize a necessidade de ações cognitivas na construção do pensamento em Arte, em contraponto ao espontaneísmo oriundo do seu entendimento de Arte somente sobre o viés da emoção, defender a Arte como um conhecimento não exclui as suas outras dimensões.

Para Barbosa (1991) o principal objetivo da Arte na escola é formar o indivíduo conhecedor, fruidor e decodificador de Arte. Nesse sentido, a Abordagem Triangular pode atuar como pressuposto conceitual para que as práticas de ensino da Arte sejam revistas e reconstruídas.

A Abordagem Triangular foi originalmente constituída de uma dupla triangulação: a primeira, de natureza epistemológica, ao designar os processos de ensino e aprendizagem por três ações mental e sensorialmente básicas: criação no fazer artístico, leitura de obra de Arte e contextualização; a segunda refere-se a sua origem, baseada nos princípios de três outras abordagens: as Escolas al Aire Libre, mexicanas, O Critical Studies inglês e o Movimento de Apreciação Estética aliado ao DBAE (Discipline Based Art Education) americano. (BARBOSA, 1998, p. 34-35).

Barbosa (1998, p. 41), analisando as influências em torno da Abordagem Triangular, afirma que ela é construtivista, interacionista, dialogal e multiculturalista. Por tudo isso e por articular Arte como expressão e como cultura na sala de aula, também a considera Pós Modernal, sendo para ela, essa articulação o denominador comum de todas as propostas pós-modernas do ensino da Arte que circulam internacionalmente na contemporaneidade.

O cerne, de onde emanam e para onde convergem essas reflexões, apontam para a educação estética das pessoas, pois, embora pensar o mundo esteticamente seja natural aos humanos, o desenvolvimento dessas percepções dependerá das vivências culturais. Nem todos estão tendo acesso às vivências culturais em Arte. O que as reflexões contemporâneas sobre Arte e ensino colocam são princípios para que se articule, na escola, uma educação estética e artística voltada para a formação do fruidor de Arte. Nesse caso, pensa-se a educação estética através da Arte. Cabe perguntar a quem essa educação se destina, quem é esse humano que pensa esteticamente o mundo para qual o professor estará articulando situações de ensino e aprendizagem, como ele percebe o que está a sua volta, como articula seu pensamento e como representa seus sentimentos e pensamentos. Se o objetivo é a formação do apreciador de Arte, é preciso, na Educação Infantil, ver a relação entre os objetos culturais e as possibilidades de leitura de mundo e de apreciação da criança.

2.2 O REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL E A ARTE

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), a educação das crianças deve acontecer em um contexto capaz de propiciar às crianças o acesso a elementos culturais que contribuem para o desenvolvimento e para a interação das mesmas na sociedade. Somente um processo educacional embasado na interação social poderá contribuir para a construção da identidade do indivíduo, pois se fundamenta no desenvolvimento afetivo, emocional e cognitivo. O terceiro volume do documento, denominado “Conhecimento de Mundo”, está organizado por eixos de trabalho, sendo estes: Linguagem Oral e escrita, Movimento, Natureza e Sociedade, Matemática, música e Artes Visuais. Considerando-se que como foco de estudo, a arte, nas suas diferentes linguagens, serão exploradas, aqui, os eixos de trabalho “Música” e “Artes Visuais”.

Já na Grécia Antiga, a música era considerada essencial para a formação do cidadão. Por ter o poder de integrar aspectos sensíveis, afetivos, estéticos, cognitivos e de comunicação social. “A linguagem musical é um excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e autoconhecimento, além de um poderoso meio de integração social” (RCNEI, 1998, p. 49). Ao se trabalhar variados repertórios musicais, possibilita-se às crianças a apropriação de novos conceitos. Assim, ao se identificarem ou não com determinada música, estarão desenvolvendo o autoconhecimento que lhes propicia a expressão de sentimentos, anseios, medos e interesses próprios.

Ao discorrer sobre a música na educação infantil, Ávila e Silva (2003) ressaltam que a música é inerente à natureza do homem. Desde recém-nascido, o indivíduo começa a emitir sons e a organizá-los como pequenas melodias. Também o RCNEI (1998) aponta que, precocemente, a criança estabelece contato com a música, por meio das canções de ninar, cantaroladas por membros da família, por exemplo. Sendo assim, já na mais tenra idade, em seu cotidiano, a criança internaliza noções de linguagem musical, as quais passam a fazer parte da sua bagagem de conhecimentos. Neste sentido, Ávila e Silva lembram que:

A música não é um fator externo em relação ao homem – provém do seu interior, é inerente à sua natureza. Ela está presente em todo universo, inspirando a expressão musical humana. Trata-se de uma segunda linguagem materna. Por esse motivo, toda criança tem direito a uma educação musical que lhe possibilite desenvolver o potencial de comunicação e expressão embutido nessa linguagem (ÁVILA e SILVA, 2003, p. 76)

Conforme o RCNEI, as atividades musicais

direcionadas às crianças de 0 a 3 anos devem objetivar a audição de diferentes tipos musicais, visando ao desenvolvimento da percepção, da discriminação dos sons, da imitação e reprodução de sons e da invenção e criação de enredos musicais. Já em relação às crianças de 4 a 6 anos, pretende-se que explorem e identifiquem elementos da música para que se expressem, interajam e ampliem seu conhecimento de mundo, através da improvisação, interpretação e até composição de enredos musicais. Os conteúdos dentro da educação infantil em relação à música devem respeitar os níveis de percepção e desenvolvimento das crianças. Para Ávila e Silva (2003), as atividades com música favorecem o trabalho de socialização, pois as crianças terão que cantar, de forma coletiva, interagindo com o outro nas cantigas de roda. Elas estarão exercitando textos e ordenando pensamentos com as letras das músicas. Essa interação possibilitada pela expressão musical coletiva facilita e estimula relações de amizade. Outro eixo do RCNEI fundamental é o que trata das Artes Visuais. As artes visuais compreendem a pintura, a escultura, o desenho, a fotografia etc. Atualmente, elas são muito presentes na educação infantil, porém, muitas vezes, não são exploradas as verdadeiras contribuições que elas podem trazer para o desenvolvimento da criança nesta fase.

Os trabalhos realizados com recursos das artes visuais, nas instituições de educação infantil, geralmente, enfatizam apenas as datas comemorativas, com a produção de lembranças para as mães e para os pais, cartões de Natal, Páscoa, entre outras, sendo considerados muitas vezes para passar o tempo, ou então, como um momento de lazer para as crianças, devido ao conceito criado pela sociedade de que a arte não é importante, mas somente uma forma de distração e lazer para as pessoas. Neste sentido, o RCNEI lembra que:

A presença das artes visuais na educação infantil, ao longo da história, tem demonstrado um descompasso entre os caminhos apontados pela produção teórica e prática pedagógica existente. Em muitas propostas as práticas de artes são entendidas apenas como meros passatempos. Em que atividades de desenhar, colar, pintar e modelar com argila ou massinha são destituídas de significados. Outra prática corrente considera que o trabalho deve ter uma conotação decorativa, servindo para ilustrar temas de datas comemorativas, enfeitar as paredes com motivos para os pais, etc. Nesta situação é comum que os adultos façam grande parte do trabalho, uma vez que não consideram que a criança tem competência para elaborar um produto adequado (RCNEI, 1998, p. 87).

Assim o Referencial Curricular (1998, p. 89), afirma que as Artes Visuais devem ser aprendidas como uma linguagem composta por estruturas e características próprias e para isso devem ser considerados os seguintes aspectos: o fazer artístico, a apreciação e a reflexão. De acordo com Araújo:

O fazer artístico diz respeito à produção de trabalhos de arte, que propiciam o desenvolvimento da criação pessoal. Com a apreciação estimula-se a observação e a contemplação prazerosa e desenvolve-se a construção de sentido, o reconhecimento, a leitura, a identificação e a análise de obras de arte e de seus autores. A reflexão é o pensar sobre os objetivos artísticos, partilhando indagações e afirmações no contato com as produções artísticas próprias ou de artistas consagrados ou não (ARAÚJO, 2014, p. 23).

Para Barbosa (2012) o “fazer arte” é insubstituível no que se refere ao ensino de Arte, assim como para o desenvolvimento do pensamento/linguagem presentacional que nas artes plásticas “capta e processa a informação através da imagem”. (BARBOSA, 2015, p. 35). Barbosa (2012) defende que é preciso alfabetizar para a leitura da imagem e que a produção artística auxilia a criança a compreendê-la, independente de ser Arte ou não.

A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca. (BARBOSA, 2015, p. 35).

Com essa visão errônea da arte na educação infantil, desvaloriza-se o fazer da criança, não dando importância à capacidade que ela tem de criar. Desse modo, para que as artes visuais propiciem suas reais contribuições, é necessário que as atividades sejam espontâneas, ativem a criatividade e valorizem a auto-expressão. Um trabalho assim irá integrar o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição favorecendo o desenvolvimento da criatividade na criança.

A construção da capacidade de criação na infância é uma forma da criança manifestar a sua compreensão da realidade que o cerca, de exercitar sua inteligência ao criar, alterar, organizar e reorganizar elementos plásticos, é uma construção do ser humano. Na sua interação com o mundo, ela vivencia inúmeros contatos com experiências estéticas que envolvem o sentir e também o pensar e o interpretar. Portanto a linguagem visual faz parte da formação integral do indivíduo e não pode ser desconsiderada no contexto da educação infantil (MORENO, 2007, p. 44).

Enfim, de acordo com o RCNEI, a aprendizagem com base em atividades artísticas, na educação infantil, deve garantir oportunidades para que as crianças de 0 a 3 anos ampliem seus conhecimentos na manipulação de diversos objetos e materiais, de forma que explorem suas características e propriedades, integrando, neste processo a comunicação e a expressão da criança. Para a fase de 4 a 6 anos as atividades artísticas devem: contribuir para a ampliação do conhecimento por meio da oportunidade de contato com obras de arte, conhecer-se a si mesmo por meio de produções próprias; desenvolver o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de criação própria e pelo de outras pessoas.

O que foi levantado até aqui sobre a arte na Educação Infantil, sobre a contribuição dos precursores da escola infantil, e sobre os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil, pode-se avaliar a importância da vivência das artes no ensino de crianças de 0 a 5 anos. Porém, a realidade observada nas escolas é a supervalorização de informações, e a negligência em relação aos aspectos intuitivos e criativos que as artes proporcionam. Por esta razão, é evidente a necessidade de se promover mais atividades artísticas na escola, de se desenvolver projetos que envolvam a capacidade das crianças e de se realizar exposições que possibilitem a apreciação dos próprios alunos e da comunidade escolar, valorizando o criar e favorecendo a auto-estima dos alunos. As artes incorporam um grande acervo de conhecimentos necessários à formação do indivíduo, contribuem para desenvolvimento expressivo, comunicativo, criativo e cognitivo e favorecem a interação social, fatores indispensáveis para o processo de educação na infância.

2.3 A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E A ARTE

Para compreendermos como as artes, em suas diversas formas, contribuem para a construção do conhecimento humano, é necessário investigar o que é e como se dá a construção do conhecimento. Segundo Moreno (2001), para se compreender o que é o conhecimento, é possível apoiar-se em variadas perspectivas, entre elas: a filosófica, a psicológica e a histórica. Conforme Sousa apud Moreno (2001), a perspectiva filosófica entende que o conhecimento é o resultado da apropriação, pelo homem, de dados empíricos e de idéias, na busca de entendimento da realidade.

Na perspectiva de Piaget (1980), o conhecimento configura-se como uma construção contínua de mediação entre o sujeito e o objeto, ou seja, entre o meio físico e o social. Nessa ação, o indivíduo constrói novas estruturas mentais, estabelecendo condições e capacidades próprias de conhecer. Sendo assim, o indivíduo não aprende como se ele fosse um depósito de informações. No processo de construção de conhecimento, o indivíduo é sujeito ativo, só vai aprender significativamente se houver uma interação com o objeto. Com base na teoria piagetiana, o indivíduo é sujeito do processo de construção do seu conhecimento e esse processo só é possível mediante a sua ação.

É importante ressaltar que um trabalho artístico sempre carrega a marca do seu criador, ou seja, traz embutida, em si, a ação do sujeito que a criou que é fruto de sua interação com o meio e com o próprio objeto criado. Nesse processo, o indivíduo é capaz de construir o entendimento de novos conceitos

referentes a materiais e a técnicas utilizadas, o que se dá nas artes plásticas, na dança, no teatro, na música, e na produção de poesias. As Artes constituem atividades pelas quais o indivíduo é despertado para a criatividade, a qual se acentua com a prática. O ato criativo é um processo que sempre traz algo da pessoa que o executa. Uma pintura, por exemplo, por mais que uma pessoa tente fazê-la igual à outra nunca o será, sempre apresentará algo diferente. Como processo de criação do novo, a arte favorece a superação, do que é igual, da reprodução, favorece o desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa e criativa.

2.4 A ARTE NA CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO HUMANA

O modo de o homem ver e agir no mundo vai se formulando ao longo de sua vida, a partir daquilo que vivência no dia a dia, pois constrói seus valores, suas concepções e suas crenças, a partir de suas experiências, de suas ações. Conforme Severino:

Está definitivamente superada a idéia metafísica de que o nosso modo de ser se definiria por uma essência, entendida esta como um conjunto de características fixas e permanentes, ideia consagrada pelos filósofos antigos e medievais quando afirmavam que o agir decorre do ser... Mas justamente aqueles aspectos pelos quais somos especificamente humanos são aspectos que não estão dados a priori, eles são construídos graças a nossa prática (SEVERINO,2006).

A educação exerce um papel primordial no desenvolvimento da personalidade dos indivíduos. Por essa afirmação, é fácil perceber que o futuro de um aluno que é instigado, que desenvolve a criatividade e o pensamento crítico, tem perspectivas melhores de inserção na sociedade, pela possibilidade de conscientizar-se do seu lugar de cidadão.

É preciso formar homem para que ele seja capaz de ler e escrever o mundo em que vive, isto é, para que ele tenha condições de analisar a realidade e, assim, criar estratégias para modificá-la no que for preciso, de modo que se estabeleçam experiências de socialização, de trabalho coletivo e de valorização de si e do outro. Segundo Kramer (2003), a cultura é uma junção de tradições, costumes, valores, história e experiências que se manifestam por meio das danças, das roupas, da música, das festas, etc. A autora entende que a criança precisa conhecer e vivenciar a cultura na qual está inserida, para, a partir daí, poder fazer parte da construção cultural, que é dinâmica e, assim, está em constante transformação. As artes partem das manifestações culturais, desse modo, é importante que as crianças as vivenciem e produzam, pois, assim, podem reconhecer-se como também produtoras dessa cultura.

Porém, para tanto, é necessário que a criança tenha oportunidade de desenvolver a criatividade e a expressão livre, e que, nesse processo, ela possa se conhecer e conhecer os outros, formando-se integralmente. As artes, em todas as suas modalidades, exploram, inevitavelmente, a expressão, a criatividade, a imaginação, a intuição e a sensibilidade de uma pessoa. A livre expressão é um meio pelo qual se revela a essência da personalidade. Apesar da espontaneidade quase sempre presente na criança, a realidade social muitas vezes não possibilitam que a mesma se expresse adequadamente. Através do desenho, da pintura, das esculturas e outras formas de artes plásticas satisfazem-se necessidades, realizam-se desejos e se afirma o EU, ou seja, a pessoa se revela para si mesma. Assim, ao exercitar a expressão livre, a criança libera sua criatividade e se conhece cada vez mais.

Para Alencar (1990), existem fatores que funcionam como repressão ao potencial criador, fatores estes que contribuem para a construção de uma visão limitada dos próprios talentos e potencialidades, dentre as quais, o medo da crítica e a idéia de que o talento está presente em poucos indivíduos. Segundo a autora, é a sociedade que inculca esses medos, através das crenças e valores estabelecidos, que são repassados, muitas vezes, e que, de forma gradual, atingem as crianças, por meio das proibições e repreensões exercidas pelos adultos.

São estas barreiras emocionais e culturais que inviabilizam a visão da arte como criação e não reprodução. Dentre as barreiras emocionais, a insegurança, o autoconceito negativo, a apatia, o medo, sentimentos de inferioridade, inibem uma forma de pensar mais inovadora e criadora. Alencar (1990) define o autoconceito como imagem subjetiva que cada um possui de si mesmo. O autoconceito constitui fator determinante daquilo que se é e caracteriza-se por facetas que podem ser mais positivas ou mais negativas, como exemplo: “Eu sou uma pessoa habilidosa, mas sou uma pessoa muito tímida”. Este exemplo apresenta características positivas e negativas da personalidade de uma pessoa, porém, existem pessoas que possuem um autoconceito totalmente negativo.

Em relação a essas barreiras emocionais, é possível efetuar mudanças, e o professor tem um papel importante no sentido de propiciar as condições favoráveis para o desenvolvimento de habilidades e talentos dos alunos. Não desconsiderando as diversas atividades pelas quais se pode realizar tal estímulo, é importante salientar que as artes

possibilitam o reforço de estímulos positivos para a construção de um autoconceito que valoriza muito mais as habilidades do que as dificuldades, contribuindo, desse modo, para a elevação da autoestima dos alunos.

A educação não se limita à estruturação e à apropriação de conhecimentos matemáticos, técnicos, geográficos, históricos, entre muitos outros tão necessários para a formação humana, mas compreende também o objetivo de humanizar, de favorecer o crescimento cultural, emocional, afetivo, intelectual da criança, no sentido de que esta possa incorporar valores como sensibilidade, sentido, solidariedade e desejo de mudança.

2.5 O ENSINO DE ARTES VISUAIS E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Sabe-se que o contato com a arte, está presente na vida das crianças, em geral, desde muito cedo. À medida que as crianças vão se desenvolvendo, trazem consigo experiências vivenciadas desde o nascimento, as quais incluem diversas imagens que são acolhidas em sua mente, de acordo com sua cultura e com o ambiente em que vive. Sensações, formas, cores, linhas e traçados vão dando significado às imagens que posteriormente podem ser argumento para alguma produção artística, iniciada geralmente de forma espontânea com o desenho. Depois, já em um contexto escolar, temos referenciais direcionados para a Educação Infantil. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), por exemplo, é um documento que tem por objetivo nortear a prática pedagógica em creches e pré-escolas auxiliando professores em seu trabalho educativo diário. O documento é dividido em eixos de trabalho orientados conforme os conteúdos a serem ministrados nesta faixa etária. Dentre estes eixos, destaca-se a área de conhecimento de Artes Visuais:

As Artes Visuais expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes, etc. (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, vol. 3, p.85)

Por ser uma linha de estudo que trabalha expressões e sensações, as crianças se identificam com a mesma, dando significado às práticas artísticas neste nível de ensino. Quando a criança desenha, utiliza variados materiais que lhe proporcionam liberdade sua imaginação/criação, podendo expressar sensações, sentimentos e pensamentos. Paulo Sans (2005) discorre muito bem a respeito desta capacidade criadora da criança: A criança desenha, possuindo

características básicas que correspondem ao seu desenvolvimento geral. Brinca e desenha com naturalidade. Possui fértil capacidade de imaginação, pois tem o dom de fantasiar e de unir o que conhece, de modo a ultrapassar os limites do possível e do impossível, conquistando, assim, uma criatividade aguçada. (SANS, 2005, p. 61/62).

É notório que a criança se expressa de forma mais livre, trazendo consigo suas idéias e impressões sobre o que está fazendo. Isto é um processo que se dá pouco a pouco, de acordo com as experiências que lhes são proporcionadas. Quando a criança encontra no contexto escolar um espaço que considere a Arte, incluindo a fazer artístico, a apreciação e a reflexão de obras artísticas, seus conhecimentos se ampliam, propiciando, certamente uma aprendizagem mais significativa, confirmada por Araújo (2014, p.23), quando relata que “As artes visuais desenvolvem a imaginação criadora, a capacidade de expressão, a sensibilidade e as habilidades estéticas das crianças, que adquirem, assim, competências culturais indispensáveis no mundo de hoje”.

Em conformidade com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, que orienta a prática do professor, um dos objetivos ao se trabalhar com o ensino de Arte é o favorecimento do desenvolvimento da criatividade e não só isso, pois enquanto a criança cria diversas habilidades são aprimoradas em seu desenvolvimento. Segundo Araújo (2014), nestas atividades de criação: “(...) as crianças desenvolvem a função simbólica, a coordenação motora, o esquema corporal, os conceitos espaciais e lógico-matemáticos, entre outros aspectos importantes para seu desenvolvimento pleno. (ARAÚJO, 2014, p.23)”.

2.6 A ARTE NA ESCOLA

Em se tratando de escola, é necessário atentar para como a criança se aproxima e age em relação ao aspecto estético e artístico do conhecimento, essas observações ajudarão o professor saber o que e como propor experiências e situações que façam avançar as percepções e observações das crianças, bem como seus repertórios de saberes.

Essa compreensão da Arte e do seu ensino, de certa forma, fez com que o professor ficasse distante do conhecimento da área, embora ele não estivesse distante da utilização das linguagens artísticas em suas salas. As práticas pedagógicas, principalmente com crianças, eram permeadas de músicas, jogos dramáticos, desenhos, pinturas, entre outros. Mas nem sempre essas manifestações, presentes no cotidiano, eram consideradas como produções culturais, sociais, históricas e estéticas, isto é, como um saber socialmente produzido.

Também não pensava na articulação de intervenções para que essa área fosse trazida à sala de aula em situações de ensino e aprendizagem, ou se observava a experiência estética e artística em relação à expressão e representação das crianças. As mudanças na concepção de Educação e de Arte e os estudos no sentido de resgatar esse conhecimento na escola têm colocado a importância das ações cognitivas sobre experiências estéticas e artísticas e a relevância do contato/diálogo com imagens de Arte. Tais mudanças, por sua vez, têm levado a modificação no papel do professor frente aos alunos e à situação de ensino e aprendizagem.

O professor tornou-se aquele que está junto às crianças, vivenciando situações de Arte e atuando como mediador do contato com a produção cultural. Nesse sentido, ele assume, em sala de aula, não apenas o papel de estimulador, mas também o de articulador das situações de ensino e aprendizagem. É ele que organiza experiências com as percepções trazidas pelas crianças do seu cotidiano e que leva, para sua sala de aula, o repertório cultural da Arte.

As crianças enquanto seres em processo de humanização, constrói-se como tal nas relações com a natureza, com seus semelhantes, consigo mesmo e com sua cultura. Para estabelecer a comunicação nessas e dessas relações, a humanidade criou um mundo simbólico o qual representa aquilo que é vivenciado individual e socialmente. A Arte é uma dessas formas simbólicas de conhecer e representar o mundo e a si mesmo. “A Arte se constitui de modos específicos da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo. (Ferraz & Fusari, 1993, p. 13)”.

A criança, desde que nasce, depara-se com um mundo cheio de símbolos e significados construídos pelas gerações que a precedem e, participando das práticas culturais do seu grupo, reconstrói os significados do mundo físico, psicológico, social, estético e cultural. O mundo simbólico será conhecido e ressignificado no convívio e acesso aos jeitos de pensar e fazer e aos códigos, entre eles os códigos da Arte.

... é na cotidianidade que os conceitos sócias e culturais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar desgostar, de beleza, feiura, entre outros. Esta elaboração se faz de maneira ativa, a criança interagindo vivamente com pessoas e sua ambiência (FERRAZ & FUSARI, 1993, p.42).

A organização de sentidos para esse mundo simbólico, à disposição das crianças, é um ato criador ao mesmo tempo individual e coletivo. Ao reconstruir os sentidos das experiências para si, a criança articula as experiências externas às suas possibilidades de percepção e leitura de mundo. Não

apenas reproduz o que percebe, mas cria outros sentidos, usa a imaginação para preencher os vazios de sua leitura de mundo, articulando significados próprios para o que observa e percebe. Interage com manifestações artísticas, estéticas e comunicativas da ambiência e, nessa interação, entra em contato com o contexto social e cultural que permeia a estruturação do senso estético. Educa-se esteticamente no convívio com os bens simbólicos de um mundo de sons, imagens e movimentos. Mas, nem sempre os códigos culturais estão prontamente disponíveis no cotidiano e nem em situações que sejam significativas para as crianças. À escola cabe a tarefa de tornar disponíveis os códigos do cotidiano das crianças e aqueles do legado da humanidade, em situações significativas para elas.

Queiramos ou não, é evidente que a criança já vivencia a Arte produzida pelos adultos, presente em seu cotidiano. É óbvio que essa Arte exerce vivas influências estéticas na criança. É óbvio também, que a criança com ela interage de diversas maneiras (FERRAZ & FUSARI, 1993, p. 43).

A educação estética e artística da criança, na escola, deve partir do pressuposto de que ela está inserida no ambiente afetivo e social em que vai desenvolver seu processo de socialização, isto é, desenvolver formas de ser e estar no mundo, entre elas as das linguagens artísticas. As aulas de Arte podem estar pautadas no contato das crianças com o cotidiano, natural e cultural e no contato com obras.

Naturalmente, as crianças entram em contato com o mundo sensível, agindo sobre ele, e constroem para si um repertório perceptivo de formas, cores, texturas, sabores, gestos e sons, atribuindo a este mundo, sentidos e organizações diferentes. O professor deve considerar essas significações já construídas e colocar o desafio de construir outras, inclusive as estéticas.

Alguns objetos e manifestações artísticas estão dispostos no mundo e até veiculados pelos meios de comunicação. Portanto, as crianças já têm acesso a essas manifestações e o professor precisa trazer outras que não estão tão facilmente ao alcance da percepção das mesmas. Barbosa (1991), ao tratar da importância das imagens de Arte na educação, afirma que o resgate do conhecimento de Arte pode ocorrer através do contato/diálogo das crianças com as imagens. A imagem significa algo a ser lido e que pode ser levado às salas de aula para que as crianças possam estabelecer uma alfabetização visual e estética. Abordar Arte sem que se ponha à disposição das crianças a imagem, é como querer alfabetizar para a leitura e escrita sem colocar a criança em contato com livros.

Outro ponto importante é o contato da criança com as obras de arte. Quando isso ocorre com crianças que têm oportunidade de praticar atividades artísticas, percebe-se que elas adquirem

novos repertórios e são capazes de fazer relações com suas próprias experiências, e, ainda, se elas também são encorajadas a observar, trocar, conversar e refletir... (FERRAZ & FUSARI, 1993, p. 49).

O contato, tanto com os atributos das linguagens dispostos no entorno, quanto com as imagens artísticas, favorece o desenvolvimento das observações e percepções das crianças e que se reflete na expressão e na construção de possibilidades de representação dessa expressão.

A expressão não é um processo isolado, fruto de um desenvolvimento natural, como pensavam os modernistas, mas objeto de uma ação cognitiva, afetiva e motora da criança, sobre o repertório cultural a que tem acesso. É o resultado de ações em reciprocidade, nas quais a criança internaliza os elementos e constrói relações, vinculando às suas experiências culturais. A expressividade infantil implica na construção de formas de linguagem e comunicação exercidas no processo de socialização. Atuando expressivamente é que a criança aprende e vivencia formas de ser e de estar no mundo. O desenvolvimento da expressão acontece junto com seu desenvolvimento afetivo, perceptivo e intelectual e resulta do exercício de conhecimento de mundo. Exercício esse de construir noções a partir das suas experiências sensoriais e/ou corporais.

Dessa maneira, desde bem pequenas, as crianças estão lidando com o desenvolvimento de linguagens, traduzidas em signos e símbolos com significação cultural e subjetiva. O ato expressivo é ato de criação e o produto dessa criação pode apresentar-se com possibilidades de valor estético.

A vivência do mundo simbólico e a ampliação das experiências perceptivas que fornecem elementos para a representação infantil dão-se no contato com o outro. O professor pode, através do trabalho com o aprimoramento das potencialidades perceptivas, enriquecer as experiências das crianças de conhecimento artístico e estético e isto se dá quando elas são orientadas para observar, ver, tocar, enfim, perceber as coisas, a natureza e os objetos à sua volta.

... durante as criações ou fazendo atividades de seu dia a dia, as crianças vão aprendendo a perceber os atributos constituídos dos objetos ou fenômenos à sua volta. Aprendem a nomear esses objetos, sua utilidade, seus aspectos formais, (tais como linha, volume, cor, tamanho, textura, entre outros) ou qualidades funções, entre outros... Para que isso ocorra é necessário a colaboração do outro – pais, professores, entre outros – sozinha ela nem sempre consegue atingir as diferenciações, objetos ou imagens, como por exemplo, as mais brilhantes, mais coloridas, mais estranhas... (FERRAZ & FUSARI, 1993, p. 49).

No caso da Educação Infantil é importante atentar para o contexto de recepção das manifestações artísticas, isso significa dizer que as características etárias das crianças, precisam ser consideradas na

articulação das propostas de ensino da Arte. Entender a prática pedagógica nas linguagens artísticas requer que se estabeleça a relação entre as características da área de Arte e as demandas da Educação Infantil.

3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL E O ENSINO DA ARTE

Para falar sobre a importância da arte na educação de crianças, faz-se também necessário abordar sobre a atuação do professor, sobre sua importância no aprendizado e desenvolvimento dos alunos, assim como, sobre sua formação nesse processo. Para exercer qualquer profissão ou função é necessário que se tenha preparo para o cargo. Na docência não é diferente. Para que possam realizar um trabalho de qualidade com as crianças, os professores precisam estar em constante inovação, numa busca pelo aprimoramento da prática pedagógica.

A cultura é construída e transmitida por meio das relações que se estabelecem socialmente, inclusive em sala de aula, assim, professores e alunos também são produtores e assimiladores de cultura (Lopes, 1999). De acordo com Martins Filho (2005), a criança, com suas brincadeiras, sua forma de compreender o mundo, seu modo mágico de pensar e sua construção individual como pessoa também produz cultura. Neste sentido, considera-se:

[...] suas manifestações como provenientes de uma cultura própria da infância, seja sob a forma como as interpretam e interagem, seja nos efeitos que nelas produzem, a partir de suas próprias práticas... formas de ação social próprias deste grupo, ou seja, maneiras específicas de ser criança (MARTINS FILHO, 2005, p. 19).

O professor não é somente o produto, o resultado de um curso de licenciatura. A formação do professor não se constrói de uma só vez, mas é um processo constante, contínuo, que se dá ao longo da sua formação e da sua atuação como professor, da sua vivência na prática, assim como, nas relações e desafios que encontra em seu trabalho com as crianças, nas necessidades visíveis e não visíveis que elas apresentam ou deixam transparecer em seus comportamentos, e na conscientização progressiva sobre o que é realmente importante que as crianças aprendam, vivenciem e construam como sujeitos da história e da cultura.

“Assim, parece inconcebível que os professores favoreçam a construção de conhecimento se não são desafiados a construir o seu” (Lopes, 1999, p. 117).

É importante que o professor tenha conhecimento da relevância de se trabalhar as diversas artes com as crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, porém, é fundamental que tenha preparo para desenvolver atividades de forma

adequada, de modo que as artes sejam trabalhadas nos seus diversos aspectos: afetivo, cognitivo, sensível, intuitivo e social (RCNEI, 1998).

Para tanto, é necessário que o professor busque conhecer obras de arte, a vida dos artistas, o contexto em que essas obras foram criadas, suas características mais marcantes, assim como, é preciso conhecer as diversas técnicas utilizadas em desenho, pintura, escultura e, da mesma forma, na música, dança e no teatro. Envolver a arte no processo educacional de crianças para buscar uma educação significativa para elas, não se limita apenas em incluí-la em um currículo.

Segundo Guimarães, Nunes e Leite (1999), experiências com artes plásticas, teatro, dança, música, fotografia, cinema, literatura, entre outras, não podem estar desvinculadas da formação do professor, pois, assim como todo cidadão, ele tem direito de vivenciar conhecimentos múltiplos da sua e de outras culturas. Conforme os autores é preciso enfatizar que muito mais necessário se torna o contato com experiências desta natureza para o profissional que estará envolvido diretamente com cidadãos que estão em processo inicial de construção cognitiva, afetiva, social, física e cultural. É comum muitas pessoas relatarem que não sabem ou não gostam de desenhar, que não sabem produzir trabalhos artísticos.

Muitas vezes, o que produziram quando ainda eram crianças, pareciam não agradar os outros. Ao se analisar as razões possíveis para isso, pode-se chegar à conclusão de que não se trata o desenho e as pinturas como atividades que podem ser aprendidas através da cultura, mas de atividades construídas essencialmente por dons inatos (GUIMARÃES; NUNES e LEITE, 1999).

É preciso que a escola se comprometa com a sensibilização das crianças, ou seja, que oportunize experiências novas de descobertas e que possibilite a expressividade do aluno, permitindo que ele conheça a si mesmo e olhe para aquilo que o cerca com curiosidade e sentimento, tendo sua parcela de responsabilidade na formação humana, na construção sensível do olhar sobre o pensar e do olhar sobre o mundo. A escola não é somente espaço para se aprender a ler, escrever e fazer contas e deve ir além do que é imediatamente utilizável.

É possível que o professor se forme e se construa culturalmente para uma atuação que integre, no seu cotidiano com os alunos, um envolvimento maior com o patrimônio cultural, com a criação, com a expressão, com o olhar curioso e sensível, enfim com a liberdade. Ao desenvolver o gosto pela arte, além de apurar a sua sensibilidade, o professor

entrará em contato com diferentes obras e conhecerá o material utilizado para a criação das mesmas, o contexto histórico, político e social no qual foram produzidas e a vida dos artistas que as produziram.

O processo de enriquecimento estético deveria se dar também na formação inicial do professor, porém, os vários saberes que compõem os currículos de formação do docente acabam por impedir a inclusão de conhecimentos relacionados às artes, entretanto, nada justifica esta ausência. Para preencher essa lacuna em sua formação, o professor pode buscar tais conhecimentos de forma independente ou coletivamente. Dias (1999, p. 179) comenta que essa busca pode ser pessoal ou em grupos de professores e que “os encontros devem ser realizados na própria instituição, sendo previsto também, visitas a museus, galerias de arte, ateliês e passeios pela cidade”. Dessa forma, o professor estará ampliando seu entendimento sobre as diversas formas de arte, sensibilizando assim o seu olhar estético, permitindo-se novas experiências e potencializando a sua criação. Dias ressalta ainda que:

É preciso criar em nossos educadores o gosto pelo belo, pela arte, estimulando-os a frequentar museus, galerias de arte, centros culturais, espetáculos de música e dança. Dessa maneira estaremos contribuindo para a democratização do conhecimento e para a formação pessoal do educador que conseqüentemente, repercutirá na relação estabelecida por ele com seus alunos na qualidade do trabalho pedagógico por ele desenvolvido (DIAS, 1999, p. 188, 189).

Ao adquirir o gosto pela arte, além de apurar a sua sensibilidade, o professor entrará em contato com diferentes obras e conhecerá o material utilizado para a criação das mesmas, o contexto histórico, político e social no qual foram produzidas e a vida dos artistas que a produziram. Assim, é possível que o professor se forme e se construa culturalmente para uma atuação que integre, no seu cotidiano com os alunos, um envolvimento maior com o patrimônio cultural, com a criação, com a expressão, com o olhar curioso e sensível, enfim com a liberdade.

3.1 A ARTE E O TRABALHO DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Faz-se necessário que o professor tenha como foco a dimensão cultural e estética e presente, para os alunos, a vida dos artistas, o contexto em que as obras foram criadas, as técnicas utilizadas e os sentimentos expressos nessas obras, que carregam em si a visão de mundo de seu criador. É importante considerar o que propõem o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), quando apresenta, como eixos de trabalho, a “Música” e as “Artes Plásticas”, para o mesmo, a música deve

possibilitar às crianças a audição, a percepção, a imitação e a reprodução de sons, para que possam explorar e identificar os elementos da mesma e, assim, desenvolver a expressão, a interação e a ampliação do conhecimento de mundo.

O trabalho com artes plásticas, segundo o documento, deve considerar a competência da criança. As atividades devem possibilitar a espontaneidade. Sendo um elemento de suma importância para o desenvolvimento do indivíduo, a linguagem visual possibilita momentos de construção que envolve idéias, valores e sentimentos. As artes visuais devem envolver atividades como a pintura, a escultura, o desenho, a fotografia entre outras formas de artes plásticas.

Pensar no trabalho com as Artes Visuais na Educação Infantil é também pensar na melhor forma de ministrar este conteúdo. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, ao abordar os conteúdos a serem trabalhados nesta faixa etária afirma a importância do fazer artístico e do contato com objetos de Arte. Afirma também que o percurso de criação e construção individual da criança tem resultados significativos quando é enriquecido por uma prática educativa intencional. Segundo o mesmo documento (BRASIL, MEC/SEF, 1998, p. 91, vol. 3):

O trabalho com as Artes Visuais na educação infantil requer profunda atenção no que se refere ao respeito das peculiaridades e esquemas de conhecimentos próprios a cada faixa etária e nível de desenvolvimento. Isso significa que o pensamento, a sensibilidade, a percepção, a intuição e a cognição da criança devem ser trabalhadas de forma integrada, visando a favorecer o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças.

É importante considerar que o professor deve mediar o processo de aprendizagem em Arte, porém, a criação artística da criança deve ser uma conquista individual da mesma, pois: É no fazer artístico e no contato com os objetos de arte que parte significativa do conhecimento em Artes Visuais acontece. No decorrer desse processo, o prazer e o domínio do gesto e da visualidade evoluem para o prazer e o domínio do próprio fazer artístico, da simbolização e da leitura de imagens. (BRASIL, MEC/SEF, 1998, p. 91, vol. 3).

Para Barbosa (2012) o “fazer arte” é insubstituível no que se refere ao ensino de Arte, assim como para o desenvolvimento do pensamento/linguagem. O autor defende ainda que é preciso alfabetizar para a leitura da imagem e que a produção artística auxilia a criança a compreendê-la, independente de ser Arte ou não.

A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca.

(BARBOSA, 2012, p. 35).

Ao alfabetizar para a leitura da imagem, faz-se necessário discutir a respeito do conceito de leitura. Outro conceito que deve ser considerado é o conceito de releitura. A releitura, não tem por objetivo ser uma cópia da obra estudada. Trata-se de uma reflexão da mesma, porém com um novo olhar, desta vez daquele que a está interpretando, ao mesmo tempo sem perder sua marca principal, já impressa pelo autor. Para Cavalcanti (1995, p. 46):

Quando as crianças fazem uma releitura, colocam nela muitas questões conversadas durante a leitura, ou uma questão que chamou mais sua atenção, mostrando, ao realizar essa atividade, que é possível cada um se posicionar de uma maneira, pois a reflexão ocorre individualmente e nesse sentido o trabalho é de criação.

Assim, é preciso ir além da produção de Arte. Barbosa (2012), p.36 propõe um currículo que interligue os três aspectos que compõe a Proposta Triangular:

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a análise da obra de arte e a contextualização estariam se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, as estrutura e sua contribuição específica para a cultura.

É importante destacar neste processo que a criança é capaz de perceber, contemplar e interagir com a produção artística. Como afirma o Referencial Curricular:

Fruição é um conceito bem importante para a aprendizagem em Artes Visuais. Refere-se à reflexão conhecimento, emoção, sensação e ao prazer advindo da ação que a criança realiza ao se apropriar dos sentidos e emoções gerados no contato com as produções artísticas. (BRASIL, MEC/SEF, 1998, p. 89, vol. 3).

3.2 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DA APRENDIZAGEM EM ARTES VISUAIS

Os alunos e o professor são sujeitos da aprendizagem. Sendo assim, é imprescindível a interação entre eles, onde o principal produto seja o processo de criar e fazer juntos, estabelecendo uma parceria e convivência produtiva, pois é nessa parceria que acontece o desenvolvimento da criatividade. O professor é mediador entre o conhecimento e o aluno e é sua atribuição reconhecer que é preciso que a criança tenha mais que contato com as Artes Visuais, é necessário que se aproprie delas, explore-as e produza-as de maneira significativa. Faz-se necessário sempre estimular os alunos a serem pesquisadores, despertando sua criatividade, incentivando habilidades como observar, imaginar, criar, sentir, ver, admirar.

Essa mediação do conhecimento não se dá somente

através da linguagem oral, mas através de vários meios linguísticos e gestuais. Algumas linguagens que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem podem ser destacadas: linguagem oral e escrita que tem grande importância na interação entre o aluno e o professor, a corporal que é através de gestos e posturas corporais, esse tipo de linguagem permite o aluno se expressar sobre o ambiente em que vive. A linguagem visual também é uma forma muito importante de expressão e comunicação. Manifesta-se através de desenhos, pinturas, esculturas, modelagem e tem grande significação, principalmente na Educação Infantil, período em que a criança busca na imaginação maneiras de se expressar.

Os professores da Educação Infantil, muitas vezes, não dão o devido valor ao trabalho com as Artes Visuais dentro da sala de aula, usam as atividades artísticas apenas para acalmar o ambiente e as crianças, para decorar a sala de aula, para aprofundar mais sobre um determinado conteúdo, propondo aos alunos desenhos e pinturas que, depois não são explorados.

As atividades artísticas devem ter maior relevância para o professor da Educação Infantil, deve haver uma interação entre ele e os alunos de forma prazerosa para que criem suas próprias produções. Entretanto, é preciso que se construa o ensino de métodos e técnicas para o uso do material e para o processo criativo, não deixando que a aula vire um momento de desordem e bagunça, e sim de aprendizado.

O professor deve procurar a atitude criadora do aluno, ser fomentador do pensamento, da sensibilidade, do questionamento, da construção de novas idéias, desafiando-o e provocando situações de criação. São diversas as técnicas de Artes Visuais usadas na Educação Infantil, todas trazem possibilidades para os alunos aumentarem seu potencial criador, para isso é preciso que o educador ofereça variado suportes e materiais como recurso de manipulação e expressão.

O desenho, a pintura e a colagem das crianças são marcas que elas deixam a partir de sua relação com o mundo, em diálogo permanente com seu imaginário. São marcas pessoais. Portanto, é muito importante percebermos que cada criança tem um jeito próprio de se expressar: traços com mais vigor ou mais leves, ocupando o espaço todo ou apenas um cantinho, usando muitas cores ou escolhendo apenas uma etc. Nós professores (as), que lidamos dia-a-dia (sic) com meninos e meninas e suas produções culturais, seremos capazes de reconhecer a produção de cada criança mesmo que não tenha nome escrito se possibilitarmos que os pequenos se expressem com autoria. (BRASIL, 2006, p.48).

A criação artística contribui para um processo de formação do aluno, para que construa um relacionamento interpessoal e também promova um

domínio corporal. Desta forma, o fazer Arte vai além de simplesmente oferecer lápis, caneta, folha de papel, é preciso que o professor ofereça meios que estimule a criatividade e imaginação, por exemplo, com um pedaço de carvão ou um graveto é possível ter o mesmo resultado de um lápis. A criança, desta forma ao fazer Arte, conhece a si mesmo e o mundo que o cerca.

O professor deve propiciar aos alunos um ambiente adequado, com diversas superfícies, materiais e instrumentos, de forma que tenham contato com uma gama maior de possibilidades para se expressar. Com maiores recursos e mais estímulos ele poderá conhecer novas técnicas, novos materiais, texturas, misturas de cores e tintas, desenvolvendo seus sentidos e posteriormente sua intelectualidade.

É importante também, que esse ambiente ofereça condições favoráveis para os alunos, como comodidade e conforto, para que possam produzir com criatividade e autonomia seus trabalhos artísticos. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil:

É aconselhável que os locais de trabalho, de uma forma em geral, acomodem confortavelmente as crianças, dando o máximo de autonomia para o acesso e uso dos materiais. Espaços apertados inibem a expressão artística, enquanto os espaços suficientemente amplos favorecem a liberdade de expressão. (BRASIL, 1998, p. 110).

Faz-se necessário criar situações no cotidiano escolar para a criança interessar-se pela Arte. Criando ambientes desafiadores, onde se sinta capaz de perceber seu potencial, reconhecer que tem habilidades que ela própria não tinha conhecimento, se interessar pelas atividades artísticas e a praticá-las com prazer e divertimento.

A imaginação sustenta o raciocínio e o sentir das crianças, cria sonhos e fantasias, pois através dela a mente infantil percorre outros tempos e espaços. Os diferentes materiais que são oferecidos para os alunos ao entrarem em contato com as práticas das Artes Visuais despertam seu imaginário, usa sua fantasia e descobre várias maneiras de criar novas formas. O professor deve evitar repetição e atividades mecânicas em sua didática e mediar o processo de forma significativa. Deve promover oportunidades para o aluno manipular o material didático, pois dessa forma eles criam interesse em saber do que se trata, de que material é feito, tendo a oportunidade de experimentá-lo e compreendê-lo.

A didática do ensino da Arte manifesta em geral em duas tendências uma que propõe exercícios de repetição ou a imitação de modelos prontos. Outra, que trata de atividades somente auto estimulantes (sic); ambas favorecem tipos de aprendizagem distintas que deixam um legado empobrecido para o efetivo crescimento artístico do aluno. (BRASIL, 200, p. 94)

O material didático utilizado pelo professor é um apoio indispensável para um bom trabalho com Artes Visuais dentro da sala de aula. Esse material deve despertar a curiosidade dos alunos, provocar estímulos e interesse pelo assunto. Em seu planejamento o professor deve oferecer diversas atividades artísticas, que estimulem e despertem a criatividade do aluno, incluindo desenhar com lápis, giz de cera, caneta, pintar com diferentes tintas em diferentes superfícies, criar também obras tridimensionais. No espaço escolar, o aluno deverá ser incentivado a realizar variadas atividades artísticas, e para isso, o professor de Artes Visuais deve usar procedimentos que o façam construir habilidades para criar o próprio trabalho e também analisar e apreciar a produção dos colegas, da arte local e a do patrimônio artístico.

Ao apresentar um objeto de estudos para seus alunos ou uma obra de arte, o professor deve usar ações como apreciação, produção e também a contextualização, pois todas são importantes ao trabalhar com a Arte e não existe sequência correta dessas três ações, quanto mais variações da ordem, os alunos experimentarem, mais fortalecidos serão no processo criativo.

Ao propiciar a apreciação de obras de Arte de diferentes artistas para os alunos, é importante que o professor argumente sob a relevância e valor histórico de cada uma, estimulando a autonomia da criança na apropriação artística cultural, criar oportunidade para falar o que vê e o que sente, despertando-lhe a curiosidade e sensibilidade. Assim, amplia-se o conhecimento cultural e artístico da criança.

A apropriação artístico-cultural das crianças tem o tempo e ritmo próprios; ocorre na medida em que estabelecem um diálogo direto com diferentes obras, acionando seus acervos, afetividade e cognição, possibilitando múltiplos olhares e sentidos. E será tão mais intensa quanto mais exercermos o papel de instigar sua curiosidade e provocar novas indagações. (BRASIL, 2006, p. 26).

Em um curto espaço de tempo, a criança usa diferentes formas para desenhar um assunto de seu interesse e o professor deve atentar a essas mudanças e aos avanços no processo criativo. Com sua ajuda e seus comentários, os alunos dão forma a seus desenhos, ganham confiança com as sugestões e aprimoram suas produções. Cada criança enquanto indivíduo tem seu ritmo de aprendizagem, é preciso observar as características de cada faixa etária, sendo importante que o professor esteja atento ao planejar as atividades e aos objetivos a serem atingidos com as mesmas, para que alcance o êxito esperado. Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998, p.107): “A organização do tempo em Artes Visuais deve respeitar as

possibilidades das crianças relativas ao ritmo e interesse pelo trabalho, ao tempo de concentração, bem como ao prazer na realização das atividades.” É necessário que o professor conheça o processo de desenvolvimento de cada criança e ofereça atividades que despertem a criatividade natural e inovadora que cada uma tem. Para que elas adquiram gosto pelo que fazem, o professor deve sempre estimulá-la, valorizando a produção de cada uma sem fazer comparações, pois cada uma tem características e habilidades diferentes.

Todas as crianças têm condições de se expressar através das linguagens visuais: cada uma do seu jeito, com seu ritmo, deixando suas próprias marcas e, por isso, devem ter suas produções artísticas respeitadas e valorizada” (BRASIL, 2006, p. 33).

Faz-se necessário que o professor programe suas atividades de acordo com o tempo disponível, cada criança possui uma personalidade, assim cada um aprende no seu tempo certo, uns têm mais facilidade e desenvoltura para fazer as atividades outros são mais lentos, precisam de tempo mais prolongado. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) ao organizar o tempo, o educador pode trabalhar da seguinte forma:

- Atividades permanentes: acontecem diariamente, na rotina das crianças, desenhar, pintar, modelar, colagens, são atividades muito usadas.
- Sequências de atividades: são atividades orientadas e planejadas pelo professor e tem como objetivo promover uma aprendizagem específica e bem definida.
- Projetos: têm como objetivo um produto final e geram novas aprendizagens, envolve diferentes conteúdos, os projetos em Artes oferecem pesquisa para os professores e as crianças.

Ao possibilitar o contato dos alunos com a pintura, o educador poderá proporcionar uma boa percepção, pois se trata de uma atividade que estimula o potencial criador, e proporciona que o professor desenvolva a coordenação motora, por estar realizando vários movimentos e gestos com os diferentes materiais que lhe são oferecidos. O desenho é uma atividade usada no dia a dia da Educação Infantil, ao desenhar os alunos revelam histórias e estilos de vida diferentes, pois antes da escrita, a comunicação é feita através do desenho e é capaz de expressar todas suas sensações, sentimentos e pensamentos. Embora na Educação Infantil os conceitos não sejam trabalhados com simplicidade e êxito, o fato de adquirirem experiência com atividades artísticas faz com que os alunos tenham facilidade posteriormente ao entrarem em contato com a História da Arte ou

conceitos teóricos, por já terem práticas educativas como mosaicos e pontilhismo terão um entendimento melhor sobre o conceito do ponto. Para mediar um conteúdo, o professor necessita ter uma formação adequada e um conhecimento pertinente sobre o assunto. E nas Artes Visuais não é diferente, um bom professor precisa ter conhecimento e compreensão do assunto para que ao proporcionar a mediação para os alunos, levem até eles uma aprendizagem que seja válida e significativa. O professor deve sempre renovar suas práticas educativas, usando métodos de ensino diversificados, ser flexível às mudanças, pois sempre vai encontrar crianças que não vão se adaptar com certa atividade e há momentos em que a mudança é essencial, principalmente ao trabalhar com as Artes Visuais, para não tornar cansativas e desinteressantes certas atividades.

Fazer Arte deverá ser um momento de alegria para o aluno, o professor deve estimular a espontaneidade, valorizar mais o processo do que o produto final, valorizando cada traço que o aluno faz e ao final de cada produção artística, expôlas e elogiar cada produção elevando assim a auto estima da criança. Dessa forma, é muito importante que o professor trabalhe com motivação e entusiasmo e esteja comprometido ao trabalhar com as Artes Visuais na Educação Infantil. Assim as crianças criam gosto pelo que fazem, contribuindo de modo significativo para seu aprendizado. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.

As instituições de educação infantil devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas, e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for esse ambiente, mais ele possibilitará a ampliação de conhecimentos acerca de si mesma, dos outros e do meio em que vivem.

(BRASIL, 1998, p.15).

É muito importante a experiência do professor e também o conhecimento do mundo que ele possui, para ensinar de forma significativa e compartilhar suas experiências nas aulas. As Artes Visuais trabalham com o mundo do possível, tanto no seu processo de apreciação, quanto também no seu processo de criação para que a aprendizagem aconteça de forma significativa é importante que os ambientes educacionais abram espaços para os alunos se expressarem e comunicarem.

Dessa forma, é relevante desde cedo, trabalhar com a Arte dentro da sala de aula, propor o contato dos alunos com as Artes Visuais, auxiliar no processo de ensino-aprendizagem e fazer com que aprendam de forma criativa e prazerosa, pois é pela vivência que a criança desperta sua imaginação e também cria um bom relacionamento com o mundo e com sua realidade. Ao professor compete mediar, estimular e

proporcionar situações em que a criança possa colocar em prática sua condição de fruidor, ao trabalhar com a apreciação das obras artísticas. Como método de avaliação das aulas de Arte o professor pode utilizar o portfólio de aprendizagem. O portfólio é um instrumento de avaliação que tem por objetivo acompanhar o processo de aprendizagem da criança e refletir sobre esses conhecimentos. Através de fotos, imagens, desenhos, textos e relatos que compõem este instrumento é possível perceber como a criança está progredindo.

Sendo assim, este estudo tem por objetivo contribuir para que o trabalho com artes, na educação infantil, possa ser desenvolvido de modo a atender às exigências de formação do homem na sua integridade, como propõem os documentos que estabelecem as diretrizes educacionais para os tempos atuais. Porém, as possibilidades do trabalho com artes para esse nível de ensino são inúmeras, podendo o professor utilizar de sua criatividade para criar outros recursos para propiciar aos seus alunos o conhecimento e a vivência da Arte, considerando-a como área de conhecimento importante para o desenvolvimento global da criança e como meio eficiente para uma educação mais rica e criativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste trabalho possibilitou a busca sobre um assunto que sempre me causou interesse no decorrer da minha graduação. O levantamento de fundamentos para a utilização da arte na educação proporcionou-me prazer e o desejo de buscar ainda mais conhecer o assunto e suas especificidades, objetivando o crescimento pessoal e profissional. Conhecer a função da arte na educação propicia um vasto enriquecimento, passa-se a entender a contribuição e a importância da mesma na vida das pessoas em geral, sejam elas crianças, jovens, adultos ou idosos. A arte favorece o contato das pessoas com a própria cultura e também com outras culturas.

Um trabalho de pesquisa é sempre instigante, pois propicia ao pesquisador uma ampliação de conhecimentos. Pode-se perceber, também, que a leitura, no processo acadêmico, é uma atividade fundamental, e a escrita é o registro das ideias que foram apreendidas. Este trabalho funcionou como uma oportunidade muito válida para se adentrar nesta complexa e desafiadora atividade que é a pesquisa. Os objetivos propostos foram alcançados, pois as ideias dos autores pesquisados dialogaram umas com as outras e responderam às questões levantadas, ou seja, a arte é importante para o processo de educação de crianças de 0 a 5 anos,

porque possibilita um caminho de superação do ensino mecanizado, voltado à codificação e à cópia de informações, e abre um leque de possibilidades de incorporação de valores, sentidos, fantasias, cores, alegria e vida. Considera-se que, além da família, os professores são os principais interventores no processo de educação da criança.

Uma pesquisa científica sempre gera contribuições para a vida de qualquer profissional. A pesquisa sobre a arte na educação de crianças pode trazer as respostas e as propostas necessárias para a atuação do docente que considera o ensinar como uma forma de provocar o criar, o fazer, o buscar, o analisar, o interpretar e o expressar, e não apenas como uma mera transmissão de conteúdos, sendo este, um pedagogo, um professor ou qualquer outro profissional envolvido na educação de crianças.

Segundo Freire (1996, p. 97), “O espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, “interpretado”, “escrito”, e “reescrito”. Assim, a educação é uma área em que, a todo instante, constrói-se, destrói-se, e se reconstrói novas formas de desenvolver a maneira de educar. Ela é repleta de desafios e questões que necessitam ser superados para que o trabalho obtenha bons resultados. Mesmo diante dos inúmeros impedimentos presentes nas escolas, da desvalorização da arte como área de conhecimento, e da desvalorização do professor, que não é compreendido como agente de transformação social, acredita-se que nada será possível se nada se fizer pela educação.

É importante ressaltar que não se exclui a responsabilidade do poder público para com a educação, este, tem sido o dever de dar seguridade de uma educação de qualidade para nossas crianças, porém, se o professor não cuidar do seu espaço de trabalho, se não o organizar e não o considerar importante, ninguém o fará por ele. Indo mais além, ele não progredirá, ou seja, não alcançará o objetivo de uma educação significativa para as crianças, mesmo que seja um direito. Conclui-se, assim que o professor pode construir, junto com seus alunos, um espaço cheio de possibilidades de conhecimentos, de vida e de sonhos, um espaço onde as crianças podem viver profundamente a sua infância, com autonomia e criatividade, de forma ativa e responsável.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. **Como desenvolver o potencial criador: um guia para a liberação da criatividade em sala de aula.** Petrópolis: Vozes, 1990.

ÁVILA, M. B.; SILVA, K. B. À. A música na educação infantil. In: NICOLAU, M. L. M; DIAS, M. C. M (orgs). **Oficinas de sonho e realidade: Formação do educador da infância.** Campinas: Papirus, 2003.

BARBOSA, Ana MAE. **A imagem no ensino da arte:** anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Tópicos Utópicos.** Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

_____. **A imagem no ensino da arte:** anos 1980 e novos tempos. 8.ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação
Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF. V. 3, 1998.

CAVALCANTI, Zélia (coord.). **Arte na sala de aula.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DIAS, Karina Sperle. Formação estética: em busca do olhar sensível. In: KRAMER, Sonia; GUIMARAES, Daniela; NUNES, Maria F. R.; LEITE, Maria I. (Orgs.). **Infância e Educação Infantil.** Campinas: Papirus, 1999, p. 175-201.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FERRAZ, Heloisa; FUSARI, Maria F. de Resende; **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 1993.

GUIMARAES, Daniela; NUNES, Maria F. R.; LEITE, Maria I. História, cultura e expressão: Fundamentos na formação professor. In: KRAMER, Sonia; GUIMARAES, Daniela; NUNES, Maria F. R.; LEITE, Maria I. (Orgs.). **Infância e Educação Infantil.** Campinas: Papirus, 1999, p. 159-174.

GULLAR, Ferreira. **Sobre arte, sobre poesia** (uma luz no chão). Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2006.

KRAMER, Sonia. Direitos da criança e projeto político pedagógico de Educação Infantil e Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: **Infância, Educação e Direitos Humanos.** São Paulo: Cortez, 2003.

LOPES, Marcell Ribeiro Castanheira. Descompasso: da formação à prática. In:

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria I.; NUNES, Maria F.; GUIMARAES, Daniela (orgs.).

Infância e educação infantil. São Paulo: Papirus, 1999.

LUCKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação – abordagem qualitativa.** São Paulo. EPU, 1986

MACEDO, Neuza Dias de. **Iniciação à Pesquisa Bibliográfica:** Guia do Estudante para a Fundamentação do Trabalho de Pesquisa. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MARQUES, Isabel. A. **O Ensino de dança hoje:** textos e contextos. São Paulo: Cortez, 1999.

MARTINS FILHO, A. J. Culturas da infância: traços e retraços que a diferenciam. In: _____. (Org.). **Criança pede respeito:** Temas em educação infantil. Porto

Alegre: Mediação, 2005, p.13-26.

MORENO, G.L.. Comunicação **Significativa entre a criança e a Arte.** Revista do Professor. Abril/Junho, 2007, ano XXIII, N.90 ISSN 1518-1839.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2007.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet: Evolução Histórica e Atualidades.** 2 ed. São Paulo: Scipione, 1994.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **Fundamentos para o ensino de Artes Plásticas.** Campinas: Alínea, 2005

SEVERINO, Antonio Joaquim. Questões epistemológicas da pesquisa sobre a prática docente. In: **Encontro Nacional de Didática e Prática de ensino - Educação Formal e Não-formal, processos formativos e saberes pedagógicos:** desafios para a inclusão social. Recife: ENDIPE, 2006.